

PRESENÇA DO SUBLIME NA *CONSOLAÇÃO ÀS TRIBULAÇÕES DE ISRAEL*, DE SAMUEL USQUE
PRESENCE OF THE SUBLIME IN SAMUEL USQUE'S *CONSOLAÇÃO ÀS TRIBULAÇÕES DE ISRAEL*

Miriam Silvia Schuartz*

RESUMO

Este artigo busca introduzir o leitor no universo da obra *Consolação às tribulações de Israel*, de Samuel Usque, texto fundamental da literatura judaica em língua portuguesa e da Literatura Portuguesa do século XVI. Esta leitura está ancorada nos aspectos retóricos e poéticos que caracterizam o estilo sublime do texto usquiano.

Palavras-chave: literatura judaica em língua portuguesa; Literatura portuguesa do século XVI; sublime; consolação; Samuel Usque.

ABSTRACT

This article aims to introduce the reader into the universe of Samuel Usque's *Consolação às Tribulações de Israel* (Consolation for the Tribulations of Israel), a fundamental jewish work on portuguese language and of the Portuguese Literature of the XVI's century. This reading is anchored in some rethorical and poetic aspects that characterize the sublime style of the usquian text.

Key-words: sublime; consolation; jewish literature on portuguese language; portuguese literature of the XVI's century; Samuel Usque.

1. As tribulações da leitura da *Consolação*

Ler a *Consolação às tribulações de Israel*, de Samuel Usque é hoje, como sempre foi, uma difícil empreitada. Obra-prima das letras lusas do Renascimento e monumento da cultura judaica, o documento fundamental de um passo decisivo na história de Portugal esteve desde a sua primeira publicação, em 1553, na cidade de Ferrara, longe do leitor comum e dos volumes de crítica literária portugueses.

* Doutoranda em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas da FFLCH-USP
mschuartz@usp.br

Ao historiador Mendes dos Remédios se deveu a sua primeira edição em Portugal, entre 1906 e 1908, com uma transcrição do texto original de Ferrara, impresso na mesma prensa de onde saiu a história de *Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro¹. Porém o livro jamais foi publicado em edição acessível ao público.

Desde então, foram necessários mais de oitenta anos para que a Fundação Calouste Gulbenkian (FCG) reeditasse a obra, com um valiosíssimo estudo de Y. H. Yerushalmi e outro de José V. de Pina Martins². A edição foi fundamental para tirar a *Consolação* do esquecimento, reparar alguns equívocos anteriores da crítica e compensar de certa forma uma dívida que Portugal tinha com a literatura dos cristãos novos no século XVI³. Mas o texto de Usque, nessa impressão, é ainda de mais difícil leitura do que a edição de Mendes dos Remédios: um facsimile de um dos raríssimos exemplares que restaram da edição de 1553 - escrito em português arcaico e em letras semigóticas - pertencente à Biblioteca do Paço Ducal de Vila Viçosa.

Em 2003, a Gulbenkian publicou em sua *História e Antologia da Literatura Portuguesa do século XVI*, um volume que reuniu textos de uma literatura de inspiração religiosa (de cariz místico, ascético e doutrinário) da época, em que constam estudos breves e excertos de trabalhos mais extensos sobre Samuel Usque e outros autores cristãos. Nesse volume destaco o excerto da tese de Lucia Luba Mucznik (1994), que analisa a questão da identidade na retórica da *Consolação* e a antologia que inclui o Prólogo em versão integral e outros trechos fundamentais da obra, numa ortografia ligeiramente modernizada e bem mais legível do texto facsimilado da Edição de 1553.

Este exercício de leitura nasceu do sentimento de perplexidade diante não apenas da escassez de estudos e referências a *Consolação às tribulações de Israel*, considerada “obra-prima da língua portuguesa quinhentista, digna de ser colocada ao lado das nossas joias literárias mais puras e preciosas”, (Pina Martins, 1989, p.133), mas principalmente do desejo de trazer à luz, ainda que de forma introdutória, trechos de uma obra de uma intensidade dramática e poética de alcance universal. Diante de um monumento do estilo sublime, em

que poética e retórica se enlaçam de maneira tão harmônica, a pergunta é inevitável. Por que não lemos este texto antes? Por que nunca nos falaram dele?

Penso que talvez uma das causas da omissão da obra de Usque das principais correntes de estudo da literatura portuguesa renascentista seja de ordem histórico-religiosa. O fato de Samuel Usque, por sua origem judaica, ter sido expulso de Portugal por ocasião da instauração da Inquisição Portuguesa e como conseqüência disso ter publicado a obra na Itália, pode ter motivado não apenas a dificuldade de recepção do texto em Portugal mas também dificultado sua classificação. Na edição da FCG (1989, p.19)), Yerushalmi define a *Consolação* como um *clássico judaico em língua portuguesa*, ao passo que Pina Martins, no mesmo livro, classifica a obra como *literatura portuguesa de temática religiosa judaica*. O que deveria ser objeto de interesse tanto de estudiosos de língua e literatura portuguesa como de história, cultura e literatura judaica acabou ficando à margem de um (pela temática judaica) e de outro (pelas dificuldades da língua).

Classificar fica ainda mais problemático na medida em que se trata de uma obra literária de alcance universal escrita em português, com marcas inequívocas de intertextualidade com a *Comédia* de Dante, com a tradição da retórica clássica e da maiêutica socrática, com as éclogas virgilianas e, cujo eixo temático-formal se encontra no Antigo Testamento. A dificuldade parece ficar ainda maior quando se trata de compreender os aspectos literários do livro, que envolvem questões genéricas espinhosas e não se desvinculam do contexto histórico, da biografia do autor e sobretudo de sua motivação religiosa.

Ao ler o livro com atenção, logo percebemos que nomear a *Consolação* de: “prosa doutrinal religiosa”, como o fazem Lopes e Saraiva (2003, p.11) é desconsiderar aspectos literários e poéticos essenciais para sua compreensão, e mais: significa afastá-la ainda mais do público atual. O texto usquiano tem inspiração religiosa e nele há, sem dúvida, fortes aspectos doutrinários, e seu viés retórico o confirma, desde “o prólogo”, endereçado aos *Senhores do Desterro de Portugal*. Esse viés foi bem estudado por Muznik (2003, p. 18-21))

e falarei dele um pouco mais adiante. Mas o fato é que a riqueza do texto transcende o aspecto doutrinário e sua interpretação pede muito mais do que remissões históricas e bíblicas.

Pina Martins (1989) faz um belo exercício de exegese do texto usquiano, em que contempla os aspectos lingüísticos, estilísticos e estruturais da obra. Seu ensaio, aliado ao texto de Yerushalmi (1989) - que contextualiza o livro de Usque na história das perseguições sofridas pelos judeus da Península Ibérica desde a Idade Média, e fundamenta as relações entre a história e tradição judaica e a literatura portuguesa -, ainda são os textos principais da fortuna crítica do autor. No entanto, ainda há ainda muito espaço para novas leituras dessa obra de enorme riqueza e complexidade.

Ainda que não me seja possível no âmbito deste trabalho fazer uma leitura de fôlego da obra de Samuel Usque - como o fazem Pina Martins e Yerushalmi - gostaria de chamar a atenção para um aspecto que envolve tanto aspectos da retórica quanto a estilística da *Consolação*. Presente desde o prólogo do livro, a questão do sublime perpassa toda a obra, tanto em seu viés temático como no recorte do estilo. Na “ordem e razão do livro”, que constitui seu capítulo de abertura, a declaração de Samuel Usque se afasta da tradição clássica e renascentista, ao se propor a adotar um estilo humilde:

E prouvera nosso Señor que pudera tanto com minha pena escrever quanto o alto sojeito da obra o merece, porem consolome que nas grandes cousas e dinas de memória, o menos que os bons juízos nota, é a língua ou estilo, porque a cousa em si mesma se estima e as palavras não é outro que ua declaração, as quais importam pouco serem elegantes ou mal ornadas.

Diante do assunto elevado, Usque não hesita em exprimir o desejo de que “nosso Senhor” ajude a sua pena a erguer-se ao nível de seu assunto. Receando não possuir o talento necessário para essa empreitada, resigna-se. A declaração marca o afastamento da tradição clássica renascentista cuja “codificação em artes poéticas exige “som alto e sublimado/um estilo grandíloco e corrente” como o próprio Camões expressa no início de *Os Lusíadas*. Diferentemente do texto épico que se propunha a exaltar as façanhas gloriosas dos heróis que forjaram a pátria portuguesa, a *Consolação*

às tribulações de Israel propõe-se consolar a comunidade dos cristãos novos portugueses de um destino trágico.

Segundo Pina Martins (1989, p. 140) a *Consolação* poderia assemelhar-se a uma tragédia, se não pulsasse nas suas páginas a força seminal, histórica e antropológicamente otimista da esperança”. A afirmação da fé nos momentos mais trágicos do destino histórico de um povo revela a temática sublime em estilo humilde.

Para compreendermos melhor o alcance da temática do sublime no livro é fundamental atentarmos para a “arte de consolar” de Samuel Usque, em seus aspectos retóricos e poéticos, que já se anunciam no Prólogo do livro. Este esclarece de forma magistral não apenas os temas que desenvolve na obra mas o por quê, o para quem e o para quê da composição, tornando claros, desde o início, a síntese e os objetivos essenciais de toda a obra.

“Interpretar, numa perspectiva profética, a história dos sofrimentos do povo eleito” é, segundo Pina Martins (1989, p. 136), um dos principais objetivos de Usque. As tribulações do povo judeu foram muitas. No final do século XV até meados do século XVI, entre 1494 e 1548, acontecimentos como a expulsão dos judeus da Espanha e a instauração da Inquisição em Portugal, culminando com as atrocidades praticadas em 1506, no massacre de mais de 2000 judeus em Lisboa, fizeram com que Portugal vivesse duas realidades aparentemente paradoxais: de um lado o ódio aos judeus, proclamado ininterruptamente durante três séculos, pela Igreja e pelas camadas dominantes; de outro, o amor devotado pelos judeus portugueses à pátria (Novinsky, 2009, p.13).

Nesse contexto se dá a composição do livro *Consolação às Tribulações de Israel* e se justifica em parte a escolha de Samuel Usque por escrevê-lo em português, “a língua que mamou”, para os *senhores do desterro*, cristãos novos que, como ele, haviam sido injusta e arbitrariamente expulsos de Portugal .

2. O pregador engenhoso

Mucznik (2003, p.18) traz uma síntese esclarecedora do propósito e da estrutura do livro, começando por ressaltar a importância «Da ordem e razão do livro», título do Prólogo em que Samuel Usque expõe os motivos que o levaram a escrever a *Consolação*. O trecho, cito: “abre com um exórdio convencional: seguindo o conselho de Sócrates, para o qual a “consolação” se obtém cotejando os males que atrás ficam com os presentes, Samuel Usque propõe-se relatar as tribulações do povo de Israel desde os tempos bíblicos até à época das tribulações contemporâneas da Inquisição, procurando em primeiro lugar e, como parece óbvio, reavivar a memória da nação portuguesa, cortada das suas raízes ancestrais”. Por outro lado, e como a referência a Sócrates torna claro, afirma, trata-se de um processo retórico típico do gênero das consolações, cujo objetivo é o de relativizar e neutralizar o caráter de acontecimentos únicos dos infortúnios presentes pela sua inclusão na série geral. Citando Yerushalmi (1989), justifica que tal concepção não difere muito da que era seguida pelos judeus na Idade Média, para os quais:

“[...] there is a pronounced tendency to subsume even major new events to familiar archetypes, for even the most terrible events are somehow less terrifying when viewed within old patterns rather than in their bewildering specificity.”

Mas, segundo ela, a verdadeira razão que preside à composição deste quadro vem na sequência do Prólogo:

ou o que creio e desejo, por esta tormenta que te gora nos perseguido e persegue começasse já amainar, e a desejada manhã depois da tempestuosa noite do inverno querer-se nos aparecer. [Prólogo, f. iii-v]

Parece que a narrativa histórica insere-se num objetivo claramente messiânico, pois Samuel Usque, a exemplo de muitos judeus da época, acredita que o tempo do Messias e o fim das tribulações está próximo, e que a sua realização depende do envolvimento e participação de todos os judeus. É justamente para esse projeto que a *Consolação* apela aos seus destinatários.

Nesse aspecto, a questão da identidade desses destinatários é questão fundamental do livro e está diretamente relacionada à língua em que foi escrito.

Já me referi ao fato de que o Prólogo dirige-se *Aos Senhores do Desterro de Portugal*, a quem o autor designa também pelas perífrases, “nossa trabalhada e corrida nação”, “esta nossa nação seguida e afugentada”, ou, simplesmente “esta nossa nação”, e, finalmente apenas por “Portugueses”. Nesse aspecto Mucznik salienta a ambiguidade criada pela utilização da primeira pessoa do plural “nossa” aplicada à dita nação, que não só inclui o próprio autor como visa confundir-se com os “nossos” - expressão que designa o povo de Israel no seu conjunto. A continuidade nacional e religiosa que essa “confusão” gramatical pretende estabelecer vem claramente sugerida na parte do prólogo relativa à construção ficcional do livro:

A ordem que no mais desta composição tive, foi, que fingindo o grande patriarca yahacob com nome de ycabo e em habito de pastor como ho ele foi, chora o mal de seus filhos, filhos por sangue, filhos em lei, filhos em espirito e muitas vezes todo o corpo de ysrael representa ele com muita razaõ pois ambos somos hum so sogeito, [...] [f. v]

O patriarca Jacob/Icabo/Usque e o “corpo de Israel” são “um só sujeito” que sofre e lamenta as perseguições e pergunta insistentemente “por que e até quando elas persistirão?”. Para responder a essas questões, a ordem da composição encena, em três longos diálogos um dramático processo de aprendizagem e de cura, ou mais precisamente, de conversão religiosa.

Na sequência Mucznik (2003, p.19) completa o raciocínio: “doente, como o seu nome – Icabo – sugere, é um descendente longínquo do patriarca Jacob que os sucessivos exílios do povo de Israel conduziram ao “fim da terra” que é Portugal. Além de se exprimir em vernáculo, anda disfarçado de pastor e, em conformidade com a figura literária que representa, recolheu a lugar ameno e afastado da conversação humana para chorar os seus males. Mas, à diferença dos pastores da época, não é de amores que sofre; a sua doença, comum entre os “mal bautizadas e novos cristãos”, é bem menos romântica e ele próprio a define ao dizer que traz “o animo tam desasossegado e duvidoso”.

No solitário refúgio o encontram dois companheiros, “profetas é habito e nome de pastores.”, cujas artes curandeiras estão inscritas na etimologia do respectivo nome hebraico: Zicareo-Zacarias, a Memória, e Numeo-Nahum, a Consolação. Por sugestão de Zicareo para quem “aos males he alivio e comunicam deles”, Icabo narra, como se de lembranças pessoais se tratasse, as tribulações do povo que finge representar, desde a infância dos tempos bíblicos até ao ano de 1553. Terminada a narrativa com a última tribulação ocorrida nesse ano, em Pesaro, “tedoas [chagas] bem sangrentas como o çurugiaom as quer pêra lhe aplicar sua meizinha” , Icabo está pronto para receber os remédios adequados ao seu mal:

«razoes e prophecias. autenticas» , com que os médicos lhe satisfazem muitas dúvidas e «persuadem como os males sam passados e o bem tam desejado esta cerca, [...]». No final das que retornavam ao judaísmo, mudou para Israel, «sayra alegre [...] pois entrou triste».

Assim a autora resume a ficção com que o livro encobre ao mesmo tempo que descobre a intenção performativa que o título enuncia e que o Prólogo, como lhe compete, justifica e antecipa, prometendo “darlhe em escrito aquele felice fine que nos lhe esperamos em efeito”. A ação pedagógica e de cura que os profetas-pastores exercem sobre Icabo é uma «figura» ou exemplo da consolação que o autor diz querer fazer aos «Senhores do Desterro de Portugal».

Apoiando-se nessa alegoria, Mucznik sustenta que “a *Consolação às Tribulações de Israel* é um manual, “um catecismo judaico para uso de cristãos-novos em ruptura com a tradição judaica”. E completa: “empenhado na espinhosa tarefa de persuadir um público que não partilha a mesma crença que ele, o autor arma-se de uma estratégia argumentativa que, na expressão de Martin A. Cohen (1965), lembra a de um “pregador engenhoso”. Tanto no que diz respeito à matéria ou *inventio*, como à sua elaboração e ordenação, a *dispositio*, e, finalmente, à arte de falar, às figuras que utiliza, a *elocutio*, “o livro de Samuel Usque pode considerar-se um modelo clássico da arte de persuadir,

que revela por parte do seu autor um domínio perfeito da *techné rhétoriké*.”(Mucznik, 2003, p.19)

Como se pode observar no prólogo, no intuito de dar mais credibilidade ao relato o narrador utiliza o argumento de autoridade dos profetas bíblicos e das fontes históricas e bíblicas que aparecem no livro:

narrando eu o que aconteceu sirvo somente
de confrontá-lo com o que as profecias nos
deixaram dito socedera, e isto sem perjuizo do que
nossos sabios hão escrito que não haviam realmente
de acontecer assi algũas delas,
mas que eram figura de outra cousa ou estilo de profetas
em ampliar às vezes a profecia. (*fl.uiii*)

Esse trecho traz a marca inequívoca da presença do discurso profético no corpo do texto usquiano, lembrando que as profecias são proferidas principalmente pelas duas personagens (os pastores Numeo e Zicareo que depois se revelam como verdadeiros profetas Naum e Zacarias).

Para Mucznik (1989, p.20), “a utilização de um disfarce poético, o diálogo pastoril, para relatar as tribulações do povo judaico, procura ir ao encontro do gosto dos destinatários, e, acima de tudo, fazer com que estes se identifiquem e reconheçam nos acontecimentos e figuras de uma história remota de cuja cadeia de transmissão estavam desligados”. Trata-se, em última análise, “de uma tentativa para eliminar a distância histórica, através de uma ficção de identidade”.

Assim podemos resumir a argumentação da obra: por mais terríveis que sejam os tormentos que hoje sofre o povo de Israel - já outros maiores tiveram de suportar na sua peregrinação terrena. Esses tormentos são justos porque os judeus pecaram contra o senhor, o qual não poderia, por ser a própria expressão infinita da Justiça deixar de por em causa essas infidelidades. Dessa forma são, ao mesmo tempo, uma prova de predileção divina em relação ao povo eleito e um sinal inequívoco de que melhores tempos virão.

Se a *Consolação* parece condensar a matriz profética e messiânica da cultura judaica talvez possamos dizer que, de algum modo, nessa obra se enraíza o *topos* sebástico que marcará a cultura portuguesa de quase todos

os tempos. Mas a questão retórica está longe de abarcar a complexidade e a riqueza do texto usquiano, o que justifica um olhar mais atento ao estilo e à estrutura da obra. É o que farei a seguir.

3. Estilo e poesia da *Consolação*

Pina Martins (1989) faz muitas ressalvas a alguns manuais de História da literatura portuguesa em que Usque é constantemente referido com juízos de avaliação literária “que por serem tão vagos parece que os autores nunca o leram ou copiaram um dos outros a menção superficial com que a ele aludem”, limitando-se a observações gerais sobre “o pastoralismo” o “estilo bíblico de alegorias e metáforas simples”, ou a “adjectivação pitoresca”. Ainda que não me considere competente para julgar a veracidade dessas palavras, na leitura do livro encontrei inúmeros excertos que mostram claramente a capacidade literariamente criativa do autor e traços de seu estilo que, segundo Martins, “só se pode documentar, pelo que concerne à literatura portuguesa do século XVI, na *Consolação às tribulações de Israel*”. Nestes trechos pode-se notar o uso de recursos poéticos de efeito retórico, como por exemplo, o de organizar no discurso estruturas formais em laços simétricos. Vejamos.

No primeiro diálogo, Icabo inicia o discurso na primeira pessoa como se tratasse de uma representação de uma só personagem, dirigindo-se à natureza circundante. O discurso alarga-se, depois, ao mais vasto Teatro do Mundo: Icabo invoca a Ásia, a África e a Europa, relacionando cada uma delas com suas próprias misérias e trabalhos.

Ó Conveniente

lugar para chorar meus
males, se subir ao derra-
deiro ceu meus gemi-
dos.

Tu, larga, bem-aventurada e grande Ásia,
de preciosas joias semeada,
de nobres e ricos árvores plantada,
com infinita riqueza,
com suaves e maravilhosos cheiros
teus tostados moradores deleitosamente recreias.
Tu, montanhosa, áspera e queimada África,
prenhe de finíssimo ouro,

de doces e fermosos tamaraes vestida
com soterrada prosperidade
(com) naturaes e saborosos mantimentos
contentes sostentas teus filhos.
E tu, guerreira sábia e temperada Europa,
de engenhosas polícias,
(de) soberbos e maravilhosos triunfos cevada
e num terrestre paraíso convertida,
com desmedido viço de tuas cheas tetas
mimosamente mamam tuas creaturas. (...)
Ó atrebulado corpo,
se toda a terra é chea
de minhas misérias e trabalhos
nas riquezas e deleites
da felice Ásia,
ali me acho pobre e afanado pelegrino
na abundância do ouro
e grossura da terra da abrasada Africa,
lazrado e faminto e sequioso desterrado.(...)
(fl. Aair-v)

A arquitetura de simetrias sintáticas e sonoras do texto constitui-se num dos momentos mais belos de um lirismo que poderíamos considerar precamoniiano.

Segue um discurso de alta inspiração poética, em que Icabo associa à sua dor existencial os maiores rios do mundo e humaniza-os como companheiros e testemunhas das suas tribulações. Numeo e Zicareo, os pastores/profetis já estão presentes, mas o verdadeiro diálogo ainda não se iniciou. Icabo dirige sua lamentação aos rios Nilo, Ganges, Eufrates e Tigre. Em tom pungente e estilo sublime humilde, profere a primeira das várias indagações aos céus:

“Ó mundo, mundo,
já que tuas racionaes criaturas
não consentes se doíam
de minhas tribulações e lazeiras,
se nas insensíveis
influirom os céos
algum modo secreto de piadade,
dá licenca aos rios
que d'altas montanhas
com espantoso rumor
vêm quebrar suas escumosas ágoas em baixo,(...)
(...)E vós outros,
príncipes de todos eles,
Nilo, Ganges, Eufrates, Tigre,

que, desatando-vos do paraíso terrestre,
desenfreados vindes abreviar
os sequiosos Egípcios,
os moles e cheirosos Índios
e, torcendo o passo,
escondendo-vos nas areas por muitos dias,
saís depois a mostrar-vos (...)
(...) rogo-vos que aqui manso
me digaes este segredo:
_Quando cansarão meus males e fadigas,
minhas enjúrias e ofensas,
minhas saudades e misérias,
as feridas n'alma e minhas mágoas,
as bem-aventuranças em sonhos,
as desaventuras certas,
os males presentes
e esperanças longas e tão cansadas?!
E quando terá paz tanta guerra
contra um fraco sujeito,
temor, suspeita, receos
de minhas entranhas?!
Té quando gemerei, sospirarei,
matarei a sede
co as lágrimas de meus olhos. (fl. Aiiir-v)

O leitor encontra-se diante de uma invocação em exórdio de poema lírico em que se mistura um matiz trágico. O questionamento abre o diálogo com os dois outros personagens. Zicareu convida Icabo a que se levante e o acompanhe a um local indefinido, mas com todas as características da tópica do *locus amoenus*:

Claro ribeiro que perto daqui esta, lavaras os olhos, que de
Chorar tão humidos e carregados os tens; e se te mais
Aprouver nossa companhia, irás a nossas choupanas onde
Descansaras, e de branco leite e fresca nata te convidaremos. (fl. Aiiiiv)

O quadro bucólico emoldura o convite de Zicareo e Numeo para que Icabo abra seu coração (porque “toda soidade é danosa”) e fale sobre os próprios males, pois falar atenua a dor, é alívio seguro.

Nas primeiras linhas do Diálogo Primeiro já encontramos trechos em que se anuncia a chave neoplatônica. A *Consolação* é um texto renascentista editado na Itália, país onde o platonismo teve o seu maior representante na personalidade de Marsílio Ficino (1433-1499) e neste trecho do capítulo *Da*

origem de Israel e fabrica do Templo aparece a idéia chave do platonismo: a alma prisioneira no seu invólucro corpóreo e seu anseio de libertação. Este trecho reforça o estilo sublime humilde do autor:

(...)havia outras que, decendo-se às cousas humanas com tenção alta e divina,
Eram como o orvalho da Manhã que do ceo a terra dece a rociar e
Embeber-se nas ervas, e cousas baixas e terrestres,
Encaminhando (porém) seu fim, a obedescer
Neste serviço o seu criador, que por nao serem de tão suprema qualidade
Co as fracas asas de seu engenho mais baixo voavam a afirmar
Somente aquele preceito de bem aventurados(...)
(...) Eram as deleitosas sombras que sentiam já da Bem aventurança celeste.
(fl. Bviiv-Bviiir)

Percebemos que o raciocínio inicialmente se identifica com a concepção platônica, mas vai gradualmente se orientando no sentido de uma conexão que só pode levar a alma a desejar unir-se com seu Deus. Pina Martins (1989, p.151) ressalta o fato de que o platonismo de Usque sempre esteve mais ligado à Sagrada Escritura e que a filosofia em si não é o interesse central do escritor, mas sim a prática espiritual que religue o homem a Deus. Nesse aspecto, o discurso monótono, o ritmo hipnótico das longas frases que se espraia em redemoinho verbal, parece rodear o inefável na torrente das palavras. No entanto, reconhece que o entendimento humano é limitado para encerrar o que é infinito e ilimitado. O próprio discurso então se confessa incapaz de exprimir o inexprimível:

(...) aquela melodia suave e maviosa fala, immenso bem e suma gloria, que co estes baixos termos e terrestre lingoa explicar se não pode: nem cabe no entendimento humano (fl. Bviiir-v)

Nessa passagem, identificamos mais facilmente o sublime humilde, estilo que tem como modelo a Sagrada Escritura. Auerbach (2007, pp. 58-59) identifica a ocorrência no texto bíblico de termos simples e cotidianos, fortemente realistas, assim como de construções corriqueiras e deselegantes para falar de temas sempre elevados. Essa seria, segundo ele, a característica principal do *humilis*, estilo baixo ou humilde que abrange a esfera do sublime. O caráter sublime do texto bíblico se revela por meio dessa matéria baixa, na medida em que é acessível ao homem comum. Humildade e mistério no

tratamento de temas elevados seriam, portanto, as características principais desse estilo.

Nesse aspecto, notamos que há em toda a *Consolação*, especialmente nos Diálogos Primeiro e Terceiro, trechos de alta e transcendente poesia que, expressa em palavras de genuinidade inocente, são pura arte do sublime, e não artifício doutrinário. Por outro lado, há nesse mesmo Diálogo Terceiro, dentre os inúmeros relatos dos sofrimentos do povo de Israel, trechos em que a *humilitas* atinge um grau de realismo tal que o sublime irrompe da tragédia do fato histórico, pela pungência e autenticidade descrição da cena e da súplica. Isso ocorre sobretudo nos capítulos devotados à Portugal e à Espanha, em que há uma tensão perceptível entre a empatia de Usque pelos seus compatriotas diante dos horrores que sofreram, e o senso de sua missão em convencê-los de que não poderiam ser inocentados por tais eventos nem ser liberados da responsabilidade pelo futuro. Esse movimento fica claro tanto no relato da conversão forçada de 1497, como no capítulo sobre a matança dos cristãos novos em Lisboa, no ano de 1506.

4. Considerações finais

Duas motivações orientaram a feitura deste texto: introduzir aspectos temáticos e composicionais da *Consolação* em diálogo com os textos principais da fortuna crítica do autor, e trazer à luz algumas manifestações do sublime na obra, em consonância com o estilo humilde da Sagrada Escritura.

Cumpridas essas etapas do trajeto, as considerações finais tem somente o propósito de costurar algumas questões que merecem atenção especial. Não farei comentários conclusivos ou interpretativos sobre a *Consolação*, haja vista que este trabalho é resultado dos primeiros movimentos de uma pesquisa em progresso.

Como pudemos observar, a *Consolação às tribulações de Israel*, de Samuel Usque, pertence a um momento muito triste da história de Portugal, assim como seus destinatários, judeus que haviam abandonado forçadamente suas tradições e práticas religiosas. Curiosamente, Usque não registrou a

história dos cristãos-novos de forma isolada ou falou a eles de forma particular. Em sua visão, o destino dos *conversos* era parte integral da história judaica e seus dilemas só poderiam ser compreendidos e solucionados a partir dessa perspectiva totalizadora. Em decorrência disso, a *Consolação* podia ser lida tanto por judeus como por cristãos-novos, mas os últimos poderiam identificar-se instintivamente com os eventos e as situações narradas, sobretudo as passadas em Portugal e na Espanha.

Já para o leitor de hoje a identificação é mais difícil. Longe dos eventos históricos e do contato com a leitura e a exegese dos textos bíblicos, a empatia com o texto é de outra natureza. Como toda grande obra literária, a *Consolação* transcende os limites da época e a particularidade dos eventos e ainda nos informa, convence, emociona. Somos tocados pelo equilíbrio e simplicidade da estrutura, seduzidos pela engenhosa retórica e arrebatados pela pungência e autenticidade do testemunho. Além disso, a mensagem de esperança nos atinge em cheio nesses tempos atribulados, em que *fé* e *religiosidade* são palavras destituídas de vida, vazias de significação.

Por outro lado, sabemos que a consolação é um gênero que se enquadra na temática do sublime a qual se impregna em toda a obra, em consonância com o modelo que se propõe a seguir. Sabemos também que, no texto bíblico, o sublime, o trágico e o problemático se ancoram na realidade e no cotidiano e “a sublime intervenção de Deus age tão profundamente sobre o cotidiano que estes campos são inseparáveis.” (Auerbach, 1987, p.19).

O leitor da *Consolação* sente a cada instante a perspectiva religiosa e histórico-universal que confere aos relatos, sejam eles alegóricos ou históricos, o seu sentido e sua meta globais. Como no texto bíblico, quanto mais isolados e horizontalmente independentes são os diálogos e grupos de diálogos tanto mais forte a sua ligação vertical comum que mantém todos unidos sob um mesmo signo. Em cada um encarna-se um momento da ligação vertical. Esse movimento evolutivo ascendente que ocorre dentro da história caracteriza a visão messiânica da obra.

A Bíblia Hebraica⁴ nos oferece a história das personalidades “como modelagem daqueles que Deus escolheu para o desempenho dos papéis

exemplares.” (Auerbach, 1987, p. 20). Mas o destino desses homens e mulheres é incerto e oscilante, pois mesmo sendo portadores da vontade divina, também são falíveis, sujeitos à desgraça e à humilhação. E é por meio de seus atos e palavras diante da desgraça e da humilhação que se manifesta a sublimidade divina.

Dor e esperança, humilhação e exaltação andam juntas. No texto bíblico, Adão é realmente expulso, Jacó é realmente um fugitivo e José é realmente lançado num poço e mais tarde vendido como escravo. A *Consolação*, por sua vez, relata o verdadeiro martirológico de um povo e reafirma a fé nos momentos mais trágicos de seu destino. O que poderia haver de mais sublime? Como sustenta Auerbach (1987, p.15), a grandeza que se eleva da própria humilhação é “próxima do sobre-humano e também reflexo da grandeza divina”.

Para Samuel Usque, quem sabe, tratava-se apenas de encontrar uma maneira de lidar com o inexplicável e o recorrente irromper da barbárie; de buscar e dar sentido ao que estava ocorrendo com toda uma comunidade que se pensava integrada, e que ajudara a construir a nação portuguesa. Na esteira de seu modelo, o bíblico, escolheu a esperança, sem suspeitar que o pior ainda estava por vir.

Passados mais de quatro séculos de sua publicação, a obra prima de Usque tem ainda o poder de mexer com as correntes da memória coletiva e questionar os cânones da tradição literária. Afirmando a identidade judaica e portuguesa, Usque, assim como outros *senhores do desterro*, acabou honrando ambos os povos e a terra que o havia rejeitado e o obrigado a escolher entre as duas. Ambas hoje podem reclamar a *Consolação* como história e literatura próprias, como expressão da tenacidade do espírito humano quando confrontado pelos terrores da história.

Compartilho da esperança que tinha Yerushalmi em 1989, quando ao final do ensaio que introduz o primeiro volume da edição da Gulbenkian (1989, p.112) afirmava que: “it is my quiet hope that the present publication will contribute in some small way toward that renaissance of Luso-Jewish studies whose incipient stirrings may already be discerned”.

6. Bibliografia

AUERBACH, Erich. *Mimesis. A representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. *Ensaio sobre literatura ocidental*. São Paulo: Editora 34, 2007.

KAYSERLING, Meyer. Introdução e notas de Anita W. Novinsky. *História dos judeus em Portugal*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de Retórica Literária*. 2ª Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.

HISTÓRIA E ANTOLOGIA DA LITERATURA PORTUGUESA. Século XVI - Prosa religiosa: ascética, mística e doutrinal. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Série Halp, n.25, jul/ 2003

MUCZNIK, Lucia Luba. "Como as consolações consolam". Em *Antologia da História da Literatura Portuguesa do século XVI. Prosa religiosa: ascética, mística e doutrinal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Série Halp, jul/2003, n. 25, pp 18-21.

NIRENBERG, David. *Communities of violence; persecution of minorities in the middle ages*. Princeton: Princeton University Press, 1998.

PINA MARTINS, José V. De. "Consolação às tribulações de Israel de Samuel Usque. Alguns dos seus aspectos messiânicos e proféticos. Uma obra-prima da língua e das letras portuguesas." Em: *Consolação às tribulações de Israel*. Edição de Ferrara, 1553. Edição facsimilada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989, vol I, pp. 127-404.

SARAIVA, Antonio Jose e LOPES, Oscar. *História da Literatura Portuguesa*. 17ª. ed. Corrigida e actualizada. Porto: Porto Editora, 1996.

USQUE, Samuel: *Consolação às tribulações de Israel*. Edição de Ferrara, 1553. Edição facsimilada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

YERUSHALMI, Yosef Hayim. "A jewish classic in the portuguese language". In: *Consolação às tribulações de Israel*. Edição de Ferrara, 1553. Edição facsimilada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989, v.I, pp.14-123.

¹ Na tipografia de Abraham Usque, onde foi também impressa a *Bíblia de Ferrara*.

² Respectivamente: "A jewish classic in the portuguese language" e "*Consolação às Tribulações de Israel* de Samuel Usque: alguns dos seus aspectos messiânicos e proféticos – uma obra-prima da língua e das letras portuguesas". Em Samuel Usque. *Consolação às Tribulações de Israel*. Edição de Ferrara, 1553. Edição facsimilada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

³ Na apresentação da edição da FCG já citada da *Consolação* consta uma justificativa extra literária para a edição do texto de Usque, uma espécie de retratação envergonhada, reconhecendo "objetiva e serenamente as violências contra a liberdade religiosa e os graves erros cometidos pelos nossos reis afrontando uma comunidade que se sentia profundamente ligada a Portugal, assim como essa explosão de bárbaro fanatismo ocorrida em 1506 e acompanhada de crimes horrorosos que D. Manuel I soube severamente reprimir e castigar". (p.11)

⁴ Bíblia Hebraica é a denominação utilizada nos círculos de estudos do Judaísmo para denominar o conjunto específico de livros formado pelo Pentatêuco, Profetas (de Josué até Malaquias) e Escritos (dos Salmos até Crônicas), considerados sagrados pelos judeus. É a nomenclatura atualmente adotada pelas universidades, substituindo a nomenclatura teológica - *Velho Testamento* -, de caráter ideológico.